

PLANO DE CURSO			
NOME DA DISCIPLINA	Seminário de Projeto I / História da Filosofia Contemporânea IV Um estruturalismo militante para a tradição crítica brasileira		
CÓDIGO	GFL00056		
DOCENTE	FELIPE CASTELO BRANCO		
PERÍODO	2026.1 MATUTINO	HORÁRIO	5ª. FEIRA - 14-18H

## OBJETIVOS

### Um estruturalismo militante para a tradição crítica brasileira

Diante da pergunta “o que é o estruturalismo?”, o conjunto de respostas que se produzem invariavelmente buscam definir a aventura estruturalista, seja como “uma corrente das Ciências Humanas pertencente ao século XX”, ou como o “primado do esteticismo sobre as condições materiais da história”, seja como um “movimento superado pelo pós-estruturalismo” ou como uma “moda filosófica” que passou. É notável que todas essas respostas guardam algo em comum: elas buscam dar conta de um problema *filosófico*, que assumiu uma dimensão incontornável no campo do pensamento contemporâneo, a partir de *definições francamente não-filosóficas*. Tudo se passa como se a solução para o “problema estruturalista” não fosse digna de um tratamento filosófico sério, uma vez que, por princípio, uma “moda” ou um “esteticismo” já superado seria incapaz de tocar em problemas políticos e epistemológicos reais.

Entendendo que a filosofia se faz a partir do avanço sobre questões que até então o campo filosófico havia estabelecido como *indignas de serem pensadas*, este curso propõe recuperar o estruturalismo como problema filosófico real. Para realizar tal ambição, o curso pretende revisitar problemas tipicamente estruturalistas tais como o sistema e a estrutura, o signo, o significante e o significado, o problema da diferença, os grupos de transformação, a precedência das relações sobre os termos, a sobredeterminação, o inconsciente e o materialismo, de modo a analisar como esses operadores conceituais foram capazes de fomentar aquilo que Étienne Balibar propõe nomear de *geradores de alternativas determinadas*. Definir o estruturalismo como gerador de alternativas determinadas nos permite recusar a compreensão de que o pensamento estrutural se configuraria como uma escola ou como um movimento dotado de um conjunto partilhado de teses positivas, que se moldariam em um conjunto de doutrinas estáveis partilhada por todos os seus membros. O estruturalismo se configura, antes, como *um modo de reinscrever problemas filosóficos a partir de condições inteiramente novas*. É nesse sentido

que os operadores conceituais tipicamente estruturalistas puderam ser absorvidos por campos disciplinares como a linguística, a antropologia, a psicanálise, a matemática, a sociologia, o marxismo, os estudos literários e os estudos sobre as formações históricas, ainda que a miríade de autores ditos “estruturalistas” jamais tenha compartilhado entre si o mesmo objeto de investigação, o mesmo método ou um corpo comum de problemas.

Nos últimos anos, o estruturalismo tem vivido uma renovação de sua problemática, a partir de um novo conjunto de leituras do problema estrutural, que tem assumido a forma de um novo conjunto de ontologias (Maniglier, Descola, Balibar, Keck, Lordon, entre outros). Tal recuperação recente permitiu destravar a enferrujada discussão a respeito do imobilismo de um estruturalismo *standard*, mobilizando o que tem sido chamado de um estruturalismo *dionisíaco*. Oferecendo um vigor renovado ao pensamento estrutural, esses novos esforços – aos quais este curso busca se somar – amplia o campo de problemas estruturalistas originais sem abandonar algumas de suas frentes de combate mais tradicionais, como a crítica à noção de *experiência* – que recobre tanto uma crítica à fenomenologia, quanto à noção de imediaticidade do oprimido em relação às experiências de opressão –, a crítica ao *humanismo filosófico* – que carrega consigo uma crítica à subjetivização do agente histórico e da ação política –, e uma crítica mordaz ao hegelianismo acadêmico. Nesse conjunto de críticas, está incluído o desenvolvimento do combate frontal ao eurocentrismo na dialética sartreana a partir dos estudos de pensamento ameríndio (e de sua ciência do concreto) por Claude Lévi-Strauss; e a defesa de uma história como processo sem sujeito (que se contrapõe ao humanismo hegeliano-marxista), por parte de Althusser.

O percurso aqui proposto busca se reapropriar de tais críticas, a fim de participar naqueles diagnósticos que a tradição crítica brasileira consolidou desde os anos 1960, momento em que tal tradição se debruçou sobre o problema da formação filosófica no Brasil e sobre aquilo que Paulo Arantes nomeia de sua “falta de assunto”. De maneira excessivamente sintética, é possível afirmar que a tradição crítica de vertente “uspiana” tem apontado o estruturalismo como a pedra angular da chamada *ideologia francesa*. Tal formação ideológica, teria mobilizado um abandono da história como campo de intervenção intelectual, ancorada em uma França que, por um lado, se tornava periférica no campo da circulação capitalista, embora, por outro lado, ainda guardasse um papel central na disseminação de ideias críticas em escala mundial. Essa discrepância entre experiência material e circulação das ideias francesa, atinge seu paroxismo a partir do Colóquio de Baltimore, ocasião em que tem início um processo de absorção das mais sofisticadas invenções teóricas francesas no seio do novo centro hegemônico da pesquisa universitária internacional: os Estados Unidos. O Colóquio foi palco de um acalorado debate que teve Jacques Derrida como pivô central. A partir de uma ferrenha crítica à obra de Lévi-Strauss, Derrida acusava a racionalidade estruturalista, que mal chegara ao conhecimento do público estadunidense, de ser vítima de uma crise que prenunciava seu fim.

De forma que o modo de investigação estrutural desembarcara nos Estados Unidos já em franco processo de “desconstrução”.

A aparelhagem institucional universitária norte-americana – que inclui o milionário sistema internacional de circulação de *journals* e os departamentos de Literatura particularmente bem abastecidos por uma enorme afluência de investimentos – absorve o espólio daquele conjunto de teorias francesas em crise, a partir da engrenagem de um *novo processo de circulação e internacionalização de ideias*. Assim se forma o chamado *pós-estruturalismo* em solo norte-americano. Uma análise como a de Paulo Arantes, no entanto, procura se demorar sobre o retorno da ideologia francesa pós-estruturalista sobre o solo periférico brasileiro, demonstrando que a pesquisa universitária brasileira recebeu essa *French Theory* “norte-americanizada” como um conjunto pré-fabricado de modelos de cientificidade, organizados a partir de esquematismos conceituais que lograram assegurar legitimidade acadêmica e institucional para certos grupos, sem que o uso dos métodos de interpretação “franceses” fosse voltado efetivamente para a elaboração de uma temática filosófica própria em solo brasileiro.

Em acordo com esse sofisticado diagnóstico, o curso propõe um novo giro sobre este mesmo parafuso. Talvez um olhar sobre a formação crítica da filosofia no Brasil possa afirmar não apenas que nossas políticas universitárias se constituíram a partir da mimetização dos códigos acadêmicos estadunidenses – alimentados pela crítica francesa – mas, além disso, que a tradição filosófica brasileira, apesar de absorver de maneira incontestável um conjunto de autores ditos estruturalistas – como Claude Lévi-Strauss, Jacques Lacan, Louis Althusser ou Roland Barthes –, jamais efetivamente absorveu o estruturalismo *como um problema filosófico* ou *como gerador de alternativas determinadas*. Não faltam textos críticos, na tradição intelectual brasileira, que se limitam a interrogar a obra de autores ligados ao pensamento francês, sem jamais interrogar o estruturalismo como problema filosófico. O que é ainda mais importante. Apesar de sua diversidade, todas essas críticas guardam um pano de fundo comum: o fato de serem alimentadas pelo *hegelianismo* e pelo reconhecimento da renovação crítica da dialética pela chamada *Escola de Frankfurt* (sem jamais reconhecer naquela escola, por exemplo, o primeiro produto de exportação da política universitária norte-americana,<sup>1</sup> antes mesmo da formação de uma ideologia francesa).

É nesse sentido que, no Brasil, se produzem leituras de autores “estruturalistas” lutando para os desvincular de qualquer traço que os associe ao fantasma do estruturalismo. Assim, se dissemina no Brasil um “Lacan hegeliano”, um Althusser não efetivamente crítico à noção de negatividade, ou a secundarização daqueles autores que, por alguma razão, não podem ser deglutidos pelos moldes acadêmicos do hegelianismo. O objetivo final é salvar Hegel a todo

---

<sup>1</sup> Internacionalização norte-americanizada da crítica alemã que se deu a partir da Segunda Guerra Mundial, através da migração de intelectuais provenientes da Alemanha para os Estados Unidos, abastecendo de novos assuntos o rico – embora insignificante – sistema acadêmico dos Estados Unidos.

custo. É possível perceber, nesse sentido, que um verdadeiro *obstáculo epistemológico* (no sentido de Althusser e de Bachelard) tem impedido o tratamento filosófico do problema estruturalista no Brasil: a ubiquidade do hegelianismo acadêmico paulista e a generalização, nas universidades paulistas, da “solução frankfurtiana” – espécie de representação do freudo-marxismo que altera Hegel, sem efetivamente destroná-lo.

Reunidas todas as melhores “críticas” ao estruturalismo produzidas no Brasil, não se encontra uma única palavra sobre um dos mais importantes documentos históricos estruturalistas, o *Cahiers pour l’analyse*,<sup>2</sup> verdadeiro projeto de formação política de inspiração lacano-althusseriana, ocupado em desenvolver um freudo-marxismo (de inspiração maoísta), liberto dos constrangimentos tradicionais do humanismo (Sartre, Politzer, Lefebvre) e do hegelianismo. Um pesquisador como Knox Peden tem razão ao afirmar que o *Cahiers*, paralelamente ao projeto freudo-marxista de reformulação da noção de “crítica” desenvolvida pela Escola de Frankfurt, se ocupou com um projeto freudo-marxista de reformulação da epistemologia das ciências contra os dogmas do hegelianismo: “se a palavra-chave no escopo da Escola de Frankfurt era ‘crítica’, para os editores do *Cahiers*, o conceito-chave não era nada menos do que o alvo prioritário da “crítica” da Escola de Frankfurt: em uma palavra, a ‘ciência’. A valorização da ciência (em particular a ciência como discurso formalizado) que permeia o *Cahiers pour l’analyse* foi, de maneira mais imediata, o resultado da influência combinada de Louis Althusser e Jacques Lacan.” Talvez uma recuperação atual do estruturalismo no contexto periférico brasileiro possa ser uma forma de renovar a crítica frente ao dogma acadêmico do hegelianismo e de suas descendências dominantes no Brasil (“escola eslovena”, adornianismo acadêmico, etc), em um deslocamento das potencialidades que o estruturalismo demonstrou ao fazer frente à dialética hegeliana, ao humanismo e o primado fenomenológico da experiência.

## CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

### PARTE 1

- Apresentação do “estruturalismo” e de sua “problemática”
- Um *gerador de alternativas determinadas*
- Estruturalismo *standard* x estruturalismo dionisíaco
- A linguística estrutural: Ferdinand de Saussure, Roman Jakobson e o comparativismo linguístico

---

<sup>2</sup> Publicação periódica que reunia nomes como Jean-Claude Milner, Jacques-Alain Miller, Alain Badiou, Jacques Nassif, Jacques Rancière, Luce Irigaray, Jacques Derrida, François Regnault, Michel Foucault, Jacques Bouveresse, entre muitos outros.

- O problema do signo linguístico
- O arbitrário do signo
- A anterioridade da estrutura sobre o falante

## PARTE 2

- A antropologia estrutural de Claude Lévi-Strauss
- A apropriação do método estrutural em antropologia
- Os sistemas de parentesco como estrutura e como linguagem
- A troca recíproca
- O debate entre antropologia e psicanálise: Malinowski *contra* Freud
- A leitura estrutural em antropologia: Lévi-Strauss e Freud *contra* Malinowski
- Lévi-Strauss e o “pensamento selvagem”: a ciência do concreto como ciência indígena
- Razão analítica e razão dialética: Lévi-Strauss contra Sartre (e contra Hegel)
- A necessidade do formalismo: a psicanálise se engaja na revolução estruturalista dos espíritos
- O problema do significante em Jacques Lacan

## PARTE 3

- O estruturalismo em Louis Althusser: o marxismo não é um historicismo
- Hegel como obstáculo epistemológico para o marxismo acadêmico
- Contradição dialética x sobredeterminação
- Os usos de Freud em Althusser: sobredeterminação e leitura sintomal
- O desenvolvimento desigual das contradições em *Pour Marx e Lire le Capital*
- A unidade dos contrários na conjuntura histórica
- Estrutura com dominante
- O espaço desigual no desenvolvimento capitalista internacional
- Étienne Balibar: o estruturalismo althusseriano e o sistema-mundo – as relações entre centro e periferia nas relações desiguais e combinadas do modo de produção capitalista
- Wallerstein e as teorias marxistas da dependência: a relação de dependência como sistema estrutural

## PARTE 4

- O estruturalismo como problema ontológico: uma filosofia do senso comum e das positivities em Patrice Maniglier
- O estruturalismo ontológico de Philippe Descola e as ontologias da natureza

## PARTE 5

- O lugar do estruturalismo na formação da *Ideologia Francesa*
- A formação da cultura filosófica brasileira a partir da USP: sua crítica e seus pontos cegos
- Os *Cahiers marxistes-leninistas*, seu apogeu e fracasso
- O *Cahiers pour l'analyse* e o lacano-althusserianismo
- Por um estruturalismo militante na tradição crítica brasileira

## INSTRUMENTOS DE ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO

Participação nas aulas e elaboração de trabalhos escritos

## BIBLIOGRAFIA

ALTHUSSER, Louis. Contradição e sobredeterminação (notas para uma pesquisa). In: ALTHUSSER, Louis. *Por Marx*. Campinas: Editora da Unicamp, 2015.

ALTHUSSER, Louis. Les défauts de l'économie classique: esquisse du concept de temps historique. In: ALTHUSSER, Louis; BALIBAR, Étienne. *Lire le Capital*. Paris: François Maspero, 1968. v. 1.

ALTHUSSER, Louis. Le marxisme n'est pas un historicisme. In: ALTHUSSER, Louis; BALIBAR, Étienne. *Lire le Capital*. Paris: François Maspero, 1968. v. 1.

ALTHUSSER, Louis. O retorno a Hegel: a última palavra do revisionismo universitário. Tradução de Flávio Roberto Batista; Murilo Amadio Cipollone. *Revista Dialectus*, Fortaleza, v. 36, n. 36, p. 310–327, 2025.

ALTHUSSER, Louis. Sobre a dialética materialista (da desigualdade das origens). In: ALTHUSSER, Louis. *Por Marx*. Campinas: Editora da Unicamp, 2015.

ARANTES, Paulo Eduardo. *Formação e desconstrução: uma visita ao museu da ideologia francesa*. São Paulo: Editora 34, 2021.

ARANTES, Paulo Eduardo. *Um departamento francês de ultramar: estudos sobre a formação da cultura filosófica uspiana (uma experiência dos anos 60)*. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

BALIBAR, Étienne. *Écrits pour Althusser*. Paris: La Découverte, 1991.

BALIBAR, Étienne. Le structuralisme: méthode ou subversion des sciences sociales? In: ANDRÉANI, Tony (org.). *Structure, système, champ et théorie du sujet*. Paris: L'Harmattan, 1997.

BALIBAR, Étienne. Prefácio. In: BALIBAR, Étienne; WALLERSTEIN, Immanuel. *Raça, nação, classe: identidades ambíguas*. São Paulo: Boitempo, 2021.

BARISON, Thiago (org.). *Teoria marxista e análise concreta: textos escolhidos de Louis Althusser e Étienne Balibar*. Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2017.

BARTHES, Roland. A atividade estruturalista. In: ESCOBAR, Carlos Henrique (org.). *O método estruturalista*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

BERT, Jean-François; LAMY, Jérôme (org.). *Résonances des structuralismes*. Paris: Éditions des Archives Contemporaines, 2016.

BOSTEELS, Bruno. Reading Capital from the margins: notes on the logic of uneven development. In: NESBITT, Nick (org.). *The concept in crisis: Reading Capital today*. London: Duke University Press, 2017.

CAHIERS DU CENTRE D'ÉTUDES SOCIALISTES. *Dialectique marxiste et pensée structurale: tables rondes à propos des travaux d'Althusser*. Paris: Éditions EDI, 1968.

CAHIERS POUR L'ANALYSE. *Cahiers pour l'analyse*. Paris: Cercle d'épistémologie de l'ENS, [1966–1969]. 10 vol.

CASTELO BRANCO, Felipe. Prefácio – do sexo ao gênero, a história de uma viagem das ideias. In: MARTY, Éric. *O sexo dos modernos: pensamento do neutro e teoria do gênero*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2026.

COELHO, Eduardo Prado. Introdução a um pensamento cruel: estruturas, estruturalidade e estruturalismos. In: *Estruturalismos: antologia de textos teóricos*. São Paulo: Martins Fontes.

COUTINHO, Carlos Nelson. *O estruturalismo e a miséria da razão*. São Paulo: Paz e Terra, 1972.

CUSSET, François. *French theory: Foucault, Derrida, Deleuze & cie et les mutations de la vie intellectuelle aux États-Unis*. Paris: La Découverte, 2025.

DERRIDA, Jacques. A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas. In: DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 407–426.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FOUCAULT, Michel. *La constitution d'un transcendantal historique dans La phénoménologie de l'esprit de Hegel: mémoire du diplôme d'études supérieures de philosophie*. Paris: Vrin, 2024.

FREUD, Sigmund. *O inconsciente*. Diversas traduções.

FREUD, Sigmund. *Totem e tabu*. Diversas traduções.

HABERMAS, Jürgen. *O discurso filosófico da modernidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2020.

HALLWARD, Peter; PEDEN, Knox (org.). *Concept and form: key texts from the Cahiers pour l'analyse*. London: Verso, 2012. 2 v.

HUBER, W.; PIRON, H.; VERGOTE, A. *La psychanalyse, science de l'homme*. Bruxelles: Charles Dessart, 1964.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix.

KOGAWA, João. *Linguística e marxismo: condições de emergência para uma teoria do discurso francesa no Brasil*. São Paulo: Unifesp, 2011.

LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. Da estrutura como intromistura de um pré-requisito de alteridade a um sujeito qualquer. In: MACKSEY, Richard; DONATO, Eugenio (org.). *A controvérsia estruturalista: as linguagens da crítica e as ciências do homem*. São Paulo: Cultrix.

LACAN, Jacques. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LEFEBVRE, Henri. *L'idéologie structuraliste*. Paris: Anthropos, 1971.

LEPARGNEUR, Hubert. *Introdução aos estruturalismos*. São Paulo: Herder/USP, 1972.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis: Vozes.

LÉVI-STRAUSS, Claude. A análise estrutural em linguística e em antropologia. In: LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. v. 1.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Estrutura e dialética. In: LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. v. 1.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Introduction à l'oeuvre de Marcel Mauss. In: MAUSS, Marcel. *Sociologie et anthropologie*. Paris: PUF.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. Campinas: Papirus, 1989.

LIMA, Luiz Costa. *O estruturalismo de Lévi-Strauss*. Petrópolis: Vozes.



**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA**  
**DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA**

MANIGLIER, Patrice. *La philosophie qui se fait*. Paris: Éditions du Cerf, 2019.

MANIGLIER, Patrice. Saussure et la naissance du structuralisme. In: MANIGLIER, Patrice. *La vie énigmatique des signes*. Paris: Éditions Léo Scheer, 2006.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2021.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix.

SÉRIOT, Patrick. *Estrutura e totalidade: as origens intelectuais do estruturalismo na Europa central e oriental*. Campinas: Editora da Unicamp, 2016.